



# A circulação do discurso perito em fluxos de desinformação sobre COVID-19 no *WhatsApp*

Eloisa J. C. Klein

Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)

<https://orcid.org/0000-0001-9113-9443>

Geane Valesca da Cunha Klein

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

<https://orcid.org/0000-0002-8828-687X>

## RESUMO

O texto analisa lógicas presentes na circulação do discurso perito em meio à disseminação de desinformação sobre a COVID-19, a partir de vídeos compartilhados no *WhatsApp*, no período de março a maio de 2020. Os vídeos que circulam em mídias sociais acionam vozes peritas fora do texto do jornalismo (onde estariam representadas como fontes) e fora da comunicação profissional (em que seriam agenciadas por assessorias), o que cria um efeito de autenticidade e espontaneidade. Com o procedimento da semântica global e a análise dos fluxos de desinformação, analisamos as cenografias enunciativas nas quais o discurso perito se institui, verificando como a projeção de um 'eu', em uma cenografia própria, age para efetivar os conceitos que ela sustenta, além de favorecer a sedimentação dos conteúdos tratados pelos falantes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso; *Fake news*; *WhatsApp*

## The Circulation of Specialized Discourse as Part of The Disinformation Flows About The COVID-19 on *WhatsApp*

### ABSTRACT

The text analyzes the logic present in the circulation of the expert discourse that occurs amid the dissemination of disinformation about COVID-19, in videos shared on *WhatsApp*, from March to May 2020. Videos circulating on social media bring expert voices outside the text of journalism (where they would be represented as sources) and outside professional communication (where they would be managed by advisors), which creates an effect of authenticity and spontaneity. With the procedure of global semantics and the analysis of disinformation flows, we analyze the enunciative scenarios in which the expert discourse is instituted, verifying how the projection of an 'I', in its own scenography, acts to affirm the precepts that it supports, besides favoring the sedimentation of the contents treated by the speakers.

**KEYWORDS:** Discourse; *Fake news*; *WhatsApp*



## 1. Introdução

Frequentemente, ao tratar sobre a temática das *fake news*, faz-se referência ao conteúdo produzido e propagado pelo usuário de mídias sociais ou à utilização política do falseamento informativo. Mas o que ocorre quando o discurso perito, geralmente acionado pelo jornalismo para confirmar aspectos da realidade, circula propagando informações incompletas, fora de contexto, focadas em uma pauta política ou simplesmente coisas falsas? Esta é a questão norteadora deste texto. Analisamos também o modo pelo qual a “gramática paranoica” (DUNKER, 2020) ressoa na fala de pessoas que se colocam como peritas e atuam com uma alteridade radical.

Analisamos a construção do *ethos* discursivo em vídeos que circularam em mídias sociais, com intuito de descrever e analisar as cenografias enunciativas nas quais o discurso perito se institui, bem como a projeção de uma imagem de um ‘eu’ que atua com vistas à persuasão. Partimos da hipótese de que, em uma cenografia própria, essa projeção age com vistas a efetivar os conceitos que ela sustenta. Tomamos a perspectiva de uma semântica global, proposta por Maingueneau (2008a), como um procedimento metodológico que possibilitou analisar os elementos constituidores do plano discursivo.

Afora o ciberespaço configurar-se como um não-lugar, sendo impossível estabelecer dimensões espaço-temporais, cabe destacar que as comunidades eletrônicas, e as pessoas que nelas se encontram, se situam em contextos. Quanto mais os sujeitos usam a *internet* como dispositivo para a comunicação, formando e solidificando comunidades, mais real se torna a existência desses grupos, com efeito de pertencimento. O senso subjetivo de pertencimento encontra sustentação na autenticidade e espontaneidade das falas. Nestas falas, aparece por vezes a repetição de padrões discursivos que atuam na construção de laços e produção coletiva de uma noção sobre a realidade, por vezes afetada pelos processos de desinformação.

Em março de 2020, em função do rápido espalhamento do vírus Sars-Cov-2, causador da doença COVID-19, governos no mundo todo adotaram medidas de restrição de circulação. Devido ao impacto na economia e divergências políticas, tais medidas foram alvo de críticas, produzindo um debate que resultou numa intensa circulação de conteúdos nas mídias sociais. Estes conteúdos incluíam muitos materiais falsos (FIOCRUZ, 2020), que variavam de xenofobia a chineses, curas milagrosas, propaganda de medicamento e negação da gravidade da situação. Naquele momento, solicitamos a conhecidos que nos remetessem materiais que contivessem conteúdo falso ou desinformação, recebidos por eles em grupos de *WhatsApp*.

Tais materiais foram por nós recebidos entre março e maio de 2020, durante a crise gerada pela primeira onda da pandemia no Brasil. Curiosamente, notamos que na amostra se repetiam vídeos produzidos por médicos, profissionais da saúde e políticos da área, que repassavam informações com algum tipo de falseamento ou descontextualização. Embora tais vídeos tenham sido feitos durante a crise, sem que houvesse um distanciamento que permitisse compreender dimensões mais completas sobre a pandemia, as falas demonstram níveis de certeza sobre os tópicos abordados. Notamos que esta mesma configuração de discurso perito se repetia em vídeos feitos por um grupo mais amplo de pessoas, desde áreas como turismo, transporte, administração doméstica. Neste artigo, problematizamos como a circulação fragmentada do dis-



curso constituído como perito via fluxos de mídias sociais pode contribuir para a ocorrência da desinformação.

## 2. Discursos sobre o real em vídeos de mídias sociais

A perda de centralidade da ação do jornalismo como mediador das falas públicas sobre a realidade se acentua com as mídias sociais, mas já acontecia em décadas anteriores, numa fase preliminar de midiaticização da sociedade. A cultura da mídia atravessa os campos sociais, articulando uma ambiência com modalidades de construção de sentido marcadas pelas características midiáticas (FAUSTO NETO, 2008). Isso é notório quando observamos a articulação de setores de comunicação em instituições, que organizam suas rotinas e a emissão de seus discursos de forma interessada, mas com a adoção da linguagem do jornalismo (CHAPARRO, 1996), o que os faz parecer agir em prol do interesse público.

A profissionalização da comunicação em instituições atua na preparação de um discurso especializado que interessa ao jornalismo. Em uma taxonomia das fontes jornalísticas, Schmitz (2011) observa a predominância de categorias de representatividade (testemunhas, fontes oficiais, especialistas), qualificação, tipo de ação e cedência de crédito. As fontes especializadas podem ser pessoas ou instituições e são buscadas para tratar de “temas ou cenários” sobre os quais sejam “detentoras de conhecimento” (SCHMITZ, 2011). Este tipo de fonte, se for “organizada”, age “proativamente” e oferece conteúdo ao jornalismo. Mesmo profissionais liberais, artistas e esportistas podem agir nesta condição de fonte organizada.

Por algum tempo, a oferta de conteúdo “organizado”, ou profissional, acerca da opinião, argumentação científica ou explicação sobre fatos acontecia a partir do jornalismo ou de assessorias técnicas. Dada a atual facilidade de criação de conteúdo digital e rápido compartilhamento em mídias sociais, alguns destes peritos podem acessar diretamente suas audiências, o que gera um caráter de espontaneidade. Fausto Neto (2020, p. 216) analisa que “na medida em que a internet reúne – no sentido de condensação – uma complexificação de linguagens”, também “já não são campos sociais que travam discursos, disputam, constroem estratégias para receptores, mas tais lógicas passam por circuitos de interação” (FAUSTO NETO, 2020, p. 217).

A articulação de fluxos informativos por agentes que se apresentam como peritos é observada na circulação de vídeos sobre tópicos especializados sobre a COVID-19, em 2020. O compartilhamento de vídeos assume destaque na propagação de ideias e informações nas mídias sociais. A maior parte é de curta extensão e muitos enunciadores procuram tecer um elo com seus co-enunciadores, falando com proximidade, como se fosse um conhecido, guia ou amigo. A imagem replicada em mídias sociais aciona diferentemente aspectos do real, modificando a relação com os fatos e a compreensão da vida cotidiana.

A estratégia da formatação do texto que ampara o vídeo segue algumas lógicas de concisão informativa acerca de algo necessário, o que gera a sensação de que a chegada do vídeo resolve um problema na vida da pessoa que o recebe, que não precisa sair em busca da informação, como analisa Smith (2017). A configuração do vídeo como alerta aciona um aspecto de apresen-

tação da solução de um problema (VENNETI; ALAM, 2017), o que possibilita um prazer por sanar alguma lacuna de conhecimento que havia. Isso faz com que haja uma grande possibilidade de compartilhamento destes materiais. A replicabilidade, por sua vez, acaba conformando uma dimensão narrativa ampla, que ampara a criação de conteúdos parecidos, que sustentam os discursos e garantem sua credibilidade.

A alta replicabilidade de alguns conteúdos contribui para a sedimentação de temas, os quais se tornam tão frequentes que parecem atuar na explicação do real. Parte deste efeito é constituído a partir do estímulo ao compartilhamento, do apelo às emoções, ou da suavização dos conteúdos. Embora tal suavização possa contribuir para que mais pessoas se apropriem da discussão de temas públicos, também facilita a associação de conteúdos informativos com fundos emocionais e políticos, contribuindo para uma noção polarizada da realidade social, pela qual alguns são vistos como inimigos (MUNGER *et al*, 2018).

A circulação intensa resulta ainda na perda da identificação da autoria e da localização da emissão “original”. Com isso, o discurso especialista manifesta-se em falas de pessoas comuns, que se apropriam do discurso técnico, seja ele científico ou jornalístico. Embora a pessoa que grava e compartilha o vídeo atue como perito, ela também age com espontaneidade, por abdicar de certos códigos das construções midiáticas, com o acabamento, o pertencimento a uma programação ou publicação maior, o entrelace com outras vozes, como repórteres e populares. Sem estas técnicas de acabamento, o resultado é uma fala direta, com efeito de sentido de autenticidade e espontaneidade. Tal característica favorece a construção de vínculos com quem recebe estes vídeos.

O vínculo atua como um diferencial em uma situação, como uma valoração maior para algumas pessoas em relação a outras (CARVALHO *et al*, 2006). Assim, quando se trabalha o vínculo, se favorece o compartilhamento da “atribuição de sentido a objetos, a palavras e outros códigos, saberes e competências – a essência da vida sociocultural”.

### 3. A semântica global e a construção do *ethos* discursivo

A comunicação realizada *on-line*, interativa e comunitariamente, favorece o estabelecimento de relacionamentos interpessoais fundados na autenticidade e espontaneidade – fatores de vínculo para a criação de laços nos circuitos de redes. Os enunciadores executam diferentes papéis ao realizarem suas enunciações, construindo o discurso sob um jogo de imagens e representações, inscrevendo a si e as suas experiências em cenários que conferem autoridade ao que é dito. Como elemento fundamental da tessitura discursiva, essa demarcação do lugar de fala ocorre através do estabelecimento de uma imagem de si (o *ethos*). Segundo Maingueneau (1996, p. 92), “este *ethos* não pertence ao indivíduo considerado independentemente de seu discurso; é apenas uma personagem adaptada à causa que o orador defende”. Existe uma relação de contiguidade entre a representação que se faz do mundo e a enunciação na qual essa representação é evidenciada. Essa relação decorre do estabelecimento de um *ethos* enunciator.

A constituição de um *ethos* de autenticidade faz com que o enunciator, ao inscrever seu discurso, inclua a si mesmo e as suas experiências de tal modo que esse relato permita ir além do

*self*, ligando-se aos outros em uma comunhão de sentimentos e necessidades. Ao incluir sobre si na enunciação, o enunciador desloca o problema do âmbito individual para o coletivo, constituindo-se como um representante de um grupo ao qual empresta a voz, o corpo e a presença. Tornando-se midiaticamente públicos, os enunciados reconfiguram a materialização discursiva em forma textual, ancorando-a em uma construção imaginária de sujeitos que compõem o processo interativo. O *ethos* prévio de profissional da saúde, sobretudo o médico, funda-se sob uma representação pública presumida, reconhecida e consagrada do sujeito enquanto uma autoridade. A referencialidade e a autoridade expandem-se pela inclusão das instâncias de subjetividade e alteridade, reorquestrando o discurso e promovendo a construção simbólica da autenticidade.

Além disso, a análise dos elementos constituidores do plano discursivo sob a perspectiva da semântica global permite-nos observar as diversas relações que ocorrem no interior desses discursos de perito: intertextualidade, escolha vocabular, tema, estatutos de enunciador e destinatário, dêixis enunciativa e modos de enunciação e coesão. O conjunto dessa semântica global corresponde às estratégias utilizadas pelo enunciador com vistas a legitimar seu dizer: por meio da atribuição de uma posição institucional/profissional e do estabelecimento de sua relação com um saber.

De acordo com Maingueneau, a intertextualidade inclui aqueles “tipos de relações intertextuais que a competência discursiva define como legítimas” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 77), de modo que o sentido se institui a partir da imbricação entre o enunciado que se apresenta no momento da enunciação com todos os outros que o antecederam, garantindo a legitimidade. Os textos veiculadores de desinformação ou *fake news* não soam como falsidades para parte dos receptores justamente porque conectam-se entre si, ecoam discursos e formas, repetem “informações”, combinadas com suas próprias adições, legitimando os enunciados e amplificando seu potencial de convencimento.

Nesse movimento, a escolha vocabular contribui sobremaneira para a construção do sentido, de modo que as palavras atingem o “estatuto de signos de pertencimento. Entre vários termos a priori equivalentes, os enunciadores serão levados a utilizar aqueles que marcam sua posição no campo discursivo” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 81). Estas escolhas são constitutivas e definidoras da própria significação e as relações que ocorrem entre elas exercem papel determinante para o sentido em uma dada formação discursiva.

Essas relações entre as palavras constituem o terceiro elemento do plano discursivo: o tema, que se subdivide em microtemas que não seguem nenhuma estrutura hierárquica – quando se referem a trechos ou parágrafos de um texto; e macrotema – quando reportam a uma ou mais obras.

Quanto aos estatutos de enunciador e co-enunciador ou destinatário, Maingueneau destaca que “cada discurso define o estatuto que o enunciador deve se atribuir e o que deve atribuir a seu destinatário para legitimar seu dizer” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 87). Aqui cabe esclarecer que a figura do co-enunciador não se reduz a um mero receptor, mas intitui-se como “alguém que tem acesso ao ‘dito’ através de uma ‘maneira de dizer’ que está enraizada em uma ‘maneira de ser’; o imaginário de um vivido” (MAINGUENEAU, 1997, p. 49).

Ademais, o enunciador e o co-enunciador apresentam-se discursivamente em função do modo como eles se enxergam. Assim, as imagens por eles construídas projetam-se sobre um espaço



em que encontram legitimidade e possibilidade de articular informações. Destarte, o discurso sempre se situa em condições espaço-temporais, as quais também compõem o quadro enunciativo e operam fazendo com que o discurso se construa “em função de seu próprio universo” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 88). Assim, a dêixis enunciativa refere-se ao espaço e ao tempo de emergência do discurso. Em outras palavras, refere-se à cena e à cronologia próprias de uma dada formação discursiva. Nesse sentido, a análise sobre a cena e a cronologia corrobora o entendimento de que as escolhas operadas pelos enunciadores não são ao acaso, haja vista que um conteúdo sempre corresponde a uma ‘maneira de dizer’ específica, a que nós chamaremos um modo de enunciação” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 90).

Um modo de enunciação corresponde a um gênero do discurso e “o discurso produz um espaço onde se desdobra uma ‘voz’ que lhe é própria” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 91). O entrelaçamento entre o discurso e seu modo de enunciação constitui uma forma elaborada para enunciar aquilo que se pretende, considerando os momentos e contextos de produção e de projeção. Nessa forma elaborada atua também o modo de coesão adotado pelo discurso a fim de construir “sua rede de remissões internas” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 94). Cabe lembrar que o modo de coesão depende da formação discursiva na qual o enunciado funda-se.

#### 4. Gramática paranoica e desinformação nas mídias sociais

A pandemia da COVID-19 chegou ao Brasil em um ambiente no qual já se disseminava o discurso negacionista, com suspeição de preceitos científicos, e as escolas, universidades e professores recebiam frequentes rechaços sobre suas atividades e contribuições sociais. Conforme Dunker (2020) “ao contrário de outros países, a epidemia nos atravessa em meio a uma crise econômica e a uma divisão social organizada pela gramática paranoica da produção de inimigos, da autopurificação e do higienismo anticorrupção”.

Ao atentar para o que vem ocorrendo desde a campanha presidencial de 2018, nos deparamos com o estabelecimento de um governo que se constrói sob um discurso de enfrentamento de inimigos (o Outro), mas que ao se deparar com um inimigo real, o nega. Esse inimigo real, o vírus, se coloca como um terceiro elemento, que precisa ser negado por não ser controlável e condicionado aos limites e motivações dos inimigos paranoicos.

Dunker (2020) considera que nessa gramática paranoica existem apenas dois sujeitos (e dois lados): eu e o outro, de modo que “se estou certo, o outro está errado; se o outro está com a razão, tenho de admitir eu mesmo minha própria loucura”. Conforme o psicanalista, quando a fronteira entre a paranoia particular e a pública se dilui “outras fronteiras ideológicas e raciais são imediatamente criadas”. Assim, se só existem dois lados possíveis, quais sejam: o da verdade e o dos inimigos, tudo aquilo que se colocar no entremeio, deve ser desconsiderado e, mais do que isso, desacreditado – a fim de poder gozar sem limites, na perspectiva da psicanálise lacaniana. A paranoia se aproxima de um delírio e pode ser extremamente irracional, levando o sujeito a acreditar que vive uma ameaça aterrorizante e iminente, resultado de uma conspiração que o enquadra como alvo e que ele deve combater auspiciosamente. Por este motivo, a chamada “gra-



mática paranoica” prescinde de inimigos reais, motivo pelo qual a existência de uma pandemia coloca em risco sua estrutura. Assim, o vírus, por ser um inimigo de fato, porém fora de controle e não acondicionado aos limites e motivações dos inimigos paranoicos, precisa ser negado.

A negação corresponde a um processo de desestruturação-reestruturação dos sentidos, remanejando os sentidos dos textos-origem para produzir um outro, desconexo e falseado, mas fundado sob estratégias que servem para validar o dito, destarte sua falta de referencialidade, que está na base de disseminação de *fake news*.

A desinformação está historicamente relacionada às possíveis percepções equivocadas sobre eventos sociais, fatos históricos e contemporâneos, que se espalham com maior velocidade, dada a possibilidade de emissão instantânea por usuários de mídias sociais (ALLCOTT; GENTZ-KOW, 2019). Mas muitas vezes há uma produção interessada da desinformação, que obedece a algumas estratégias, como uma versão fantasiosa ou exagerada, para chamar atenção, a escrita chamativa, condensação informativa, suavização dos fatos, emparelhamento com o pensamento político da audiência, apelo emocional. Uma estratégia de produção textual recorrente de conteúdo falso é a simulação da linguagem jornalística – o que faz com que usuários confundam os conteúdos falsos com notícias e acontecimentos que efetivamente ocorreram, conforme analisam Tandoc Jr, Lim e Ling (2017).

No período da primeira onda de COVID-19, Neto et al (2020) analisaram que a disseminação de *fake news* aumentou quando “evidências científicas passaram a ser questionadas no campo da política por alguns governantes, o que expõe a população à propagação de condutas inadequadas”. Os autores reuniram os conteúdos de desinformação da amostra nas categorias: “discursos de autoridades na saúde (40), terapêutica (17), medidas de prevenção (nove), prognósticos da doença (duas) e vacinação (duas)”. Em sua análise, os autores consideram que indicação de medicamentos sem testes conclusivos, ações alternativas (como beber muita água) e compartilhamento de artigos não avaliados pelos pares (mesmo sendo acadêmicos) se tornam parte da disseminação de desinformação.

A rápida disseminação de desinformação associada a emissão de discursos políticos provoca uma “cascata de *fake news*” (RECUERO; CRUZD, 2019). A afinidade política gera rápidas operações de compartilhamento por usuários, que repassam mesmo sem ter certeza da veracidade do que recebem. Nesta disseminação, destaca-se a ação dos algoritmos, que selecionam o que as pessoas veem em sites como o *Facebook* e o *Twitter* (muitas vezes gerando o efeito de bolha), e a ação dos usuários, que muitas vezes tendem a compartilhar informações com base em suas crenças e opções políticas. A combinação destes dois fatores faz com que ecoem preconceitos ou materiais com conteúdos enviesados.

A personalização do que se vê como informação é também ressaltada por Sérgio Branco (2017), para quem algumas pessoas não distinguem *internet* de mídias sociais, tendo seu acesso predominante a informações neste tipo de *site*, desconhecem outras formas de obter informação. Tal aspecto, somado à característica de bolha, cria um viés narcisista sobre o mundo, afetando o que se percebe como informação.

Algumas apropriações da estética jornalística (e do discurso de divulgação científica) aparecem em conteúdos com falseamento, devido à oferta de dados, demonstração de documentos,

citação de falas, explicações didáticas, criação de aberturas/ leads ou frases de condensação, como manchetes. Quando acionadas por fontes que assumem um lugar de autoridade, tais estratégias discursivas permitem um efeito de correspondência ao real.

## 5. A fala especializada em vídeos que circulam no *WhatsApp*

Analizamos a fala perita a partir de aspectos de repetição, simulação jornalística e autoafirmação como agente propositor de discurso especializado. O *corpus* foi composto por 30 vídeos, que chegaram por intermédio de um colaborador, membro de um grupo de profissionais da saúde do estado do Rio Grande do Norte, Brasil. Os materiais foram recebidos entre março e maio de 2020. Além dos vídeos, recebemos imagens, áudios, mensagens de texto. Consideramos aqui o recorte dos vídeos nos quais se destaca a construção do falante como perito, em variadas áreas. Dentre os vídeos, seis continham recortes de circulação midiática. Os demais não demonstram marcas de alguma inserção midiática anterior à circulação em mídias sociais.

Em um primeiro momento, mostramos como pessoas responsáveis por certos ramos de atuação profissional são tratadas como falantes representativos, que no âmbito do jornalismo é a fonte de representação, ou especialista em uma área (SCHMITZ, 2011). Em seguida, analisamos o tipo de enquadramento e projeção de falas de médicos. No material catalogado, cinco vídeos encontram-se nesta situação. Escolhemos os três vídeos em que foi dedicado espaço para apresentação profissional do médico, como construção qualificada de seu lugar de perito.

Consideramos que o discurso perito varia conforme o enquadramento da fonte principal. Assim, o trabalhador ambulante aparece como perito para analisar o impacto financeiro da ausência de circulação em praias. O motorista é tratado como perito para tratar do risco de desabastecimento, dada a falta de restaurantes para atender os caminhoneiros. Apresentadores de programas e pessoas que aparecem visualmente como repórteres são tidos como especialistas para a leitura dos fatos do dia e análise de conjuntura. Médicos aparecem como especialistas para tratar de medidas sanitárias em geral, independentemente de suas áreas de atuação e grau de expertise na matéria em questão. Assim, a constituição do “lugar perito” aparece pela criação de um cenário para as falas, que vai qualificar a opinião como especializada. Porém, a emissão original dos vídeos e a verificação da autoria se perdem devido à intensidade da circulação.

### 5.1 Falas de sujeitos comuns como especialistas

Dentre os vídeos com profissionais fora da área da saúde, destaca-se o fato de que apresentam as suas profissões como credenciais para falar sobre os assuntos do vídeo. Nesta apresentação pessoal, em três vídeos as pessoas começam dizendo que já votaram em Lula e Dilma para qualificar seu parecer favorável ao pronunciamento do atual presidente da república, Bolsonaro, sobre a não realização de confinamento. Esses indícios textuais cooperam para que seja construído o *ethos* discursivo (1996) sob uma espécie de contrato fiduciário: ao mesmo tempo em que reforçam um apoio à fala do presidente, manifestam-se como isentos, ou neutros, instituindo um lugar de credibilidade para sua fala.





O torneiro mecânico trata sobre o modo como os profissionais liberais são afetados. Em seu vídeo, ele usa um bordão “quem briga por mim?”, para tratar que divergências políticas não resolverão se faltar comida para sua família. É o mesmo teor da fala de um vendedor de praia: “A data de hoje é 25/03/2020. Eu sabia que isso era uma briga política aonde quem tá pagando é os pequenos. Olha aí a situação da praia. Das praias de modo geral. Ali ó, tudo fechado”. E continua: “Eu tô falando isso porque o presidente Jair Bolsonaro fez um pronunciamento ontem aonde ele não compactuava com esse fechamento dos comércio, das escolas e de vários outros”.

O caminhoneiro aparece como especialista para dar parecer sobre a situação das estradas e o comprometimento da entrega das cargas. “Aí eu olho na BR e ela está vazia. Tá parando. Tá todo mundo trancado em casa, só não tão pensando em quem tá mantendo o Brasil em pé. Vocês acham que os enfermeiros, os médicos, vão ter condições de trabalhar sem comer?”.

Outro nível de especialização é atribuído à dona de casa. Dois vídeos de nossa amostra se encaixam nesta categoria. Em um deles, a especialização é construída pela apresentação das imagens de boletos e carnês. Em outro, pela descrição das atividades diárias de fazer comida, cuidar de crianças, limpar a casa. “Sabe o que que é isso aqui? Conta de água de luz, falta o de IPTU, que já foi pago, aqui em Fortaleza, CE. Quer dizer então que o presidente Bolsonaro suspende por seis meses as dívidas dos governadores incompetentes que não conseguem gerir seus estados, não cobra juros, ainda dá 6 bilhões para a saúde, ainda dá 85 bilhões para ajudar vocês e nós ganhamos o quê? Conta para pagar?”. Embora o nível de perícia constituído seja referente ao âmbito doméstico, a demonstração de afinidade com a administração da casa serve como ponte para a manifestação de posição sobre contas públicas, equivalendo-as em termos de funcionamento e finalidade, o que cria certos desvios na lógica da informação propagada.

Nas falas dos sujeitos que marcam posições especialistas em compatibilidade com suas áreas de atuação profissional percebe-se uma cena englobante composta por pessoas comuns que desejam revelar verdades, fazer alertas, mostrar preocupações com a situação financeira das pessoas em particular e da economia de seu país.

É relevante notar que os políticos profissionais renunciam à fala representativa, ou seja, pretendem aparecer como cidadão comum, com frequência apartidários. Referem-se “aos políticos” como se fosse um grupo do qual não fizessem parte. Apesar de se tratar de uma fala com algum grau de especialização para tratar de assuntos da política pública, este lugar é maquiado ou suavizado. Assim, embora atuem em defesa das aparições e falas públicas do Presidente da República, parecem isentos ou neutros, o que daria credibilidade para sua fala. “Eu falei contra a cassação do Bolsonaro por ele cumprimentar seus eleitores. No palácio, ele não foi em evento nenhum, o pessoal foi no palácio e ele foi cumprimentar. Até eu se chegar um monte de gente aqui eu vou cumprimentar (...), até por uma questão de educação. Aí, não, ele é criminoso”. A fala considera aspectos técnicos de sua atividade como parlamentar, o que o qualifica como especialista, mas não problematiza os aspectos técnicos tratados nas críticas ao fato de o Presidente da República não usar máscara e não seguir protocolos de higiene. Em vídeo de outro deputado, há nova menção a aspectos técnicos da atividade parlamentar, mas com desvios de sentido, propositais ou não, já que a fala dá a entender que seria possível a destinação da verba

do fundo partidário para fins de pagamento de benefícios de pessoas afetadas pela pandemia, quando tal ação não é legalmente permitida.

## 5.2 Discursos peritos a partir de profissionais da saúde

Diferentemente das demais apresentações de perspectivas especializadas, os profissionais introduzidos como médicos reforçam sua identidade, sua área de atuação e adotam a postura de aconselhamento. Aqui observam-se as formas de coesão dos enunciados que se impõem determinados pela semântica global de uma formação discursiva. O médico e político Osmar Terra grava o vídeo com câmera frontal, enquadramento em primeiro plano, ambiente doméstico. Não usa jaleco e não tem objetos de identificação profissional. Um terço de seu vídeo é usado para apresentação pessoal, o que, em certa medida, compensa a inexistência de índices visuais. Começa o vídeo dizendo que a ideia de que quem defende a abertura do comércio é contra a vida não condiz com a verdade. “Eu sou médico. Escolhi ser médico. Para mim a missão mais importante é salvar vidas. (...) Eu implantei o SUS no RS, eu fui o superintendente do Inanps que implantou o SUS no RS. Fui o primeiro secretário de saúde do Brasil a implantar equipes de saúde da família, porque eu preso muito a vida”.

Já o vídeo com a fala da médica Luciana Vilela mobiliza os elementos da semântica global, articulando o discurso em todos os planos e definindo aquilo que pode ser enunciado no interior de seu posicionamento. A cena enunciativa enquadra a médica em sua mesa de trabalho, vestindo jaleco, decoração de escritório ao fundo, luz suavizada. A fala aparece editada, não é possível saber se quem faz a edição é quem emite o conteúdo. O vídeo apresenta-se em uma tela dividida em duas partes, de um lado a jornalista Renata Vasconcellos, de outro, a médica. Abaixo, a legenda: “geriatra tira a máscara da Globo”, com fonte sem serifa, negrito e sombra – usada para chamar a atenção. A imagem da médica fica congelada, enquanto a jornalista diz: “continuamos informando sobre a pandemia de Coronavírus”. Quando a médica começa a falar, aparecem os caracteres com sua identificação: “Dra Luciana Pricoli Vilela, Médica Geriatra”. Só na segunda parte do vídeo ela fala sobre sua especialização, ao tratar sobre contágio e gravidade da doença entre os idosos, sendo que sua especialidade em geriatria é usada para garantir autoridade ao discurso de que apenas esta faixa etária deveria tomar cuidados para não se contaminar. Levando em consideração a perspectiva da semântica global, definida por Maingueneau (2008a), observa-se claramente que a absorção do discurso se dá em função da relação que se estabelece entre todos esses planos, colocados em relação simultânea, tanto no que diz respeito ao enunciado, quanto no que tange ao contexto da enunciação.

Em outro vídeo, o médico Anthony Wong é apresentado pela bancada: “ele é pediatra, ele é médico infectologista, toxicologista, professor da USP, ele também é integrante da OMS, chinês, nasceu na China, morou na China, morou nos Estados Unidos, e atualmente nos dá a honra de estar morando no nosso país”. Neste caso, é importante destacar que a nacionalidade do médico também atua como operador de valor, de credibilidade de sua fala como especialista. Não só ele é apresentado como médico, com reforço a sua instituição, a USP (e assim se dá a entender que sabe sobre vírus e doenças), mas também é apresentado como chinês (e, portanto, entende



de uma crise que teve início na China). Após a breve introdução, o próprio médico Anthony Wong segue com uma apresentação, pautando aspectos morais de sua profissão. “Nós temos uma das maiores audiências críticas do mundo, que são seus pares médicos. Então, nós não podemos apresentar nada que seja falho, porque eles vão detectar o menor deslize na sua apresentação. Então, com isso, nós aprendemos muito a usar raciocínio e isso é uma coisa que todo ser humano deveria ter aqui dentro, nosso miolo, nosso coeficiente de inteligência”. Reforça-se o caráter de inteligência, de rigor atribuído aos médicos, o que atua como operador de credibilidade e autoridade. Assim como no vídeo descrito anteriormente, vemos que todos os planos da discursividade atuam para instaurar as condições de possibilidade do discurso, sustentadas em elementos de legitimação.

Os três vídeos com grandes relatos de médicos fazem a crítica ao isolamento social, por vezes referido como confinamento, e defendem a ideia de “isolamento vertical”, mostrando, assim, que o discurso se torna válido através da cena e, por consequência, a representação cultural exterior – definida como a cena do discurso encontra legitimidade. É importante notar que ambos os aspectos – o confinamento e o “isolamento vertical” – aparecem em falas públicas do presidente no período em que os vídeos circularam. O médico e político Osmar Terra faz a crítica ao isolamento social de forma direta: “algumas das medidas que estão sendo propostas, entre elas o confinamento das pessoas em geral, não têm efeito prático nenhum”. Anthony Wong critica responsáveis pelas políticas de isolamento social: “parece-me que os órgãos públicos, até um ponto, acabaram esquecendo que antes de mais nada a razão antes da emoção. É importante que essa situação atual no mundo, essa pandemia, eu sempre brinco, mas com seriedade, que isso não é um pânico, é uma panicodemia, na verdade. É uma epidemia de pânico. E nós sabemos muito bem que pânico e medo matam dez vezes mais do que a causa em si. Isso é uma verdade estatística em qualquer livro de ciência e de circunstâncias do mundo”. Há, na fala do médico, uma constante menção a tabelas, dados, nomenclaturas, reforçando tanto a fala didática, que reforça sua posição como alguém que ensina sobre um conteúdo, como o aspecto de aconselhamento.

Em seu vídeo, Osmar Terra usa seu lugar de perito para ofertar uma explicação que se pretende didática sobre as pandemias em geral: “as epidemias, quando elas aparecem, com diagnóstico, com casos comprovados, elas já estão se disseminando, as epidemias virais. O vírus se propaga muito rápido, ele é um vírus novo, não tem resistência nas pessoas, ele vai longe. Quando aparecem os primeiros casos comprovados já tem milhares de pessoas já contaminadas pelo vírus. E a epidemia só termina quando mais de metade da população for contaminada pelo vírus”. Aproximando-se do contexto da COVID-19 ele diz: “Só que 95% das pessoas não vão ter nada, não vão sentir nada. Vão saber só se fizerem um exame no futuro e saber que tiveram contato com o vírus. São estas pessoas, o contingente grande de pessoas, que acaba diminuindo e terminando com a epidemia”. As falas são realizadas com um caráter conclusivo sobre a temática, mesmo que se trate de um acontecimento em realização, sem que houvesse definição sobre as consequências e abrangência do fenômeno. Como se observa,

A cenografia é, assim, ao mesmo tempo, aquilo de onde vem o discurso e aquilo que esse discurso engendra; ela legitima um enunciado que, em troca deve legitimá-la, deve estabelecer que essa

cenografia da qual vem a fala é, precisamente, a cenografia necessária para contar uma história, denunciar uma injustiça, apresentar sua candidatura a uma eleição etc. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 96).

Um ponto comum abordado pelos médicos é a caracterização da faixa etária e das doenças correlatas de indivíduos afetados com formas graves da doença. A geriatra Luciana Vilela diz que “até os cinquenta anos, a mortalidade, ou seja, a chance de morrer pela infecção do coronavírus é muito baixa. Inclusive entre crianças e adolescentes a transmissão é muito baixa, a maior parte das crianças e adolescentes não pega essa infecção e quando pega, pega de uma forma muito leve”. Embora não houvesse dados confiáveis naquele momento, há um nível de certeza, baseado em um segmento de pesquisas iniciais sobre as formas de contágio, desmerecendo outras abordagens. A fala da médica é entrecortada por trecho de reportagem dizendo que pacientes confirmados eram idosos. A médica segue: “quem tem real perigo com essa infecção do coronavírus? As pessoas mais velhas. Por isso que eu, como geriatra, preciso comentar isso. A partir dos 60 anos, mas principalmente 70 e mais ainda a partir dos 80 anos, a chance de morrer por coronavírus pode chegar até 8%”. A área de atuação é mencionada para atribuir certeza sobre a informação dada. A abordagem do tópico reforça, de modo indireto, a crítica ao tipo de isolamento, estendido a todas as faixas populacionais em março.

O médico Anthony Wong é apresentado como chinês, fator enfatizado por ele próprio ao dizer que sua mãe nasceu na cidade onde a pandemia teve início. “Quando a China fechou a província de Hubei (...) despertou a curiosidade da mídia internacional. (...) Como sabe, o chinês tem aquela fama de ser um povo muito que esconde as coisas, não fala. Então diz: ‘ah, isso deve ser pior do que estão dizendo porque os chineses sempre escondem alguma coisa’”. Apesar de sua nacionalidade chinesa, o médico reforça a narrativa corrente, no período, que caracterizava o coronavírus como “vírus chinês”, bem como a ideia de que o país não foi claro sobre os dados. “Quando chegou o ponto que os números eram tão gritantes que não dava mais para esconder, então a China abriu totalmente. E eles levaram, com isso, a esse superdimensionamento da situação, adiante em toda a evolução da pandemia até os dias de hoje”. O médico chega até a fazer comentários ofensivos sobre o país, em conexão com discursos correntes no período. O enunciador recorre à memória discursiva e, por meio do trabalho com os não-ditos, leva o leitor a fazer asserções e instaurar sentidos que vão além do posto explicitamente no nível linguístico.

Todas as falas dos médicos contêm sugestões sobre o que fazer, geralmente pendendo para uma visão de confinamento de doentes e isolamento de membros dos grupos de risco, caracterizados por uma narrativa de “isolamento vertical”. Osmar Terra diz em seu vídeo: “Durante a epidemia, nós temos que cuidar dos mais idosos, neste caso, cuidar das pessoas que têm baixa imunidade, esses sim podem ficar relativamente confinados. As pessoas que estiverem doentes têm que ficar confinados, elas e o restante da família. Mas o restante da população tem que levar a vida mais normal possível. Isso não vai alterar uma pessoa doente. Não vai alterar uma pessoa que pode morrer ou não”.

Compreensões fora desta perspectiva considerada como “isolamento vertical” são enquadradas como “histeria”, “pânico”, “erro”. Conforme já apontado, a escolha vocabular não ocorre



ao acaso, mas funciona como um dos planos constitutivos da semântica global. A fala da geriatra Luciana Vilela novamente é entrecortada por trecho de reportagem, falando sobre a primeira morte no Brasil, de um homem de 62 anos. Diz ela: “o verdadeiro perigo do coronavírus é essa pandemia, é essa disseminação de histeria. Isso sim é preocupante. Porque as pessoas começam a consumir excesso de informação, só pensam nisso, toda hora estão olhando quantas pessoas estão contaminadas, quantas pessoas morreram, quantas pessoas estão assim, estão assado (com ritmo acelerado). E todo mundo começa a entrar num estado de neurose coletiva, todo mundo começa a achar que o fim do mundo está se aproximando”. Ela aconselha: “Pare de consumir notícias sobre o coronavírus. Toca a tua vida para frente. Transmite isso pros teus familiares, vamos serenar, porque o mundo não está acabando”. A médica fala rindo, num nítido gesto de suavização da pauta tratada, que ganha componentes lúdicos, humorados. A edição feita com base na fala dela termina ao som de palmas, trazendo o conteúdo para a área de entretenimento.

O médico Anthony adota tom didático para tratar do “isolamento vertical”: “significa que eu pego cirurgicamente a população que está mais em risco. Como o COVID-19 infecta muita gente, mas 90% das pessoas têm uma doença leve ou levemente moderada e não precisa de hospital, ele vai para casa. Apenas 10% dessa população realmente vai precisar de uma atenção médica mais rigorosa e até terapia intensiva. Esses 10% então é que nós temos que observar. E são pessoas com comorbidade, ou seja, doenças crônicas pregressas. Pessoas com doença pulmonar crônica, hipertensão, obesidade, cardíacos, diabetes descompensada”. Ele é enfático ao dizer que só casos muito graves destas doenças (e quando apresentados em conjunto com outras doenças) resultam em quadro grave de COVID-19. Ao construir o discurso usando números percentuais sem uma correlação com números quantitativos, observa-se uma discursivização de fatos que produz certos sentidos e oferece indícios sobre os posicionamentos ideológicos do enunciador.

Há um nível de previsão de comportamento futuro da doença em algumas falas. Osmar Terra toma informações sobre o comportamento geral de pandemias para criar uma leitura de probabilidade sobre a COVID-19: “Isso é uma atitude, de fechar escola, fechar shopping, estão falando agora por quatro meses, é um absurdo isso, isso não resolve nada, não diminuiu a epidemia. A epidemia termina em 13 semanas. As epidemias têm um padrão, provavelmente em 13 semanas vai terminar essa pandemia. Mas a economia sim vai ficar destruída e vai faltar arrecadação, porque vai ter uma recessão importante, vai faltar arrecadação para ter um sistema de saúde eficiente. E aí muita gente vai morrer por falta de recurso público”.

O médico Anthony, em uma fala longa, diz que o número de casos de pessoas infectadas com sintomas de doença é maior quando ocorre “isolamento horizontal”. “Quando se faz o distanciamento social igual Japão, olha que impressionante, o número de pessoas infectadas não doentes é muito maior do que o número de pessoas com a doença”. Ele reforça com a ideia de que manter níveis de isolamento “faz sentido”, mas sem cortar a circulação pública. Em sua fala, o médico também apresenta a ideia de que o vírus não atingiria muitas pessoas no Brasil, porque a temperatura média é maior que 20 graus.

É necessário observar que alguns discursos que se apresentavam como certezas não se confirmaram. No começo de abril de 2021, o Brasil superava as 340 mil mortes, apesar de ser um país



predominantemente tropical. Outros países de clima quente igualmente registraram números expressivos de mortos. Além disso, o verão do hemisfério norte não impossibilitou o surgimento de novas ondas de casos de COVID-19 na Europa, o mesmo acontecendo no verão brasileiro. Outras informações que se mostraram provisórias e, portanto, não acuradas, dizem respeito aos dados de contágio, já que pesquisas demonstraram altos índices de contágio entre crianças, além do fato de adultos jovens atuarem como transmissores de vírus para familiares ligados a grupos de riscos. Em abril de 2021, já havia se passado mais de um ano desde os primeiros casos registrados no Brasil, contrariando a previsibilidade de fim da pandemia em 13 semanas.

## 6. Reflexões e apontamentos

Os circuitos intensos em mídias sociais garantem uma aproximação entre pessoas que pertencem a grupos e os padrões discursivos neles presentes. Em geral, os vínculos demoram para ser formados, o que faz Carvalho et al (2006) optarem pela noção de “suporte”, quando se trata da constituição de laços de confiança em encontros com menor repetição. Podemos pensar que esta noção de suporte está presente na oferta de conteúdo acerca da pandemia por vozes que se apresentam como especialistas. Trata-se de um suporte na concessão de informação, no auxílio à tomada de decisão e na oferta de conforto em relação ao temor gerado em função do espalhamento de uma doença. Em adição, a repetição do tipo de fala e do padrão do discurso especialista nos faz notar que é possível observar uma tessitura de laços de confiança que atua a partir do reconhecimento de características profissionais e de linguagens que, sendo recorrentes, permitem a manutenção de vínculo e consequente aproximação e compartilhamento.

Observamos que algumas estratégias comumente presentes em sites de caça-clique e em conteúdos falsos/ *fake news* são igualmente usadas por vídeos que pretendem assumir o tom de espalhamento de discurso especializado: a suavização de um problema; a mistura de dados e termos científicos com impressão e preferência pessoal; a oferta da solução definitiva, procurada pelas pessoas como uma grande resposta, que lhes satisfaz por acabar com um problema; a apresentação de grandes certezas.

Entendemos que os falantes não necessariamente pretendem contribuir com ondas de desinformação, porém algumas lógicas da circulação destes vídeos acabam contribuindo para a disseminação destas ondas. Parte deste processo tem a ver com a constante tentativa de confirmar discursos de outros, como os pronunciamentos presidenciais, direta ou indiretamente referidos em vários vídeos. A necessidade de confirmação destes discursos produz o efeito da gramática paranoica, em que qualquer um que não defenda a mesma linha discursiva é visto como “histórico”, propagador de “pânico”, ou simplesmente como “errado”.

Mesmo que a experiência de um fenômeno social coloque em questão as convicções tecidas, estes discursos seguem sendo reafirmados, tendo por referente maior a manutenção de uma oposição com os pensamentos divergentes. Assim, embora se apresentem como peritos e isentos, tais sujeitos inscrevem-se na cena de uma disputa pela manutenção de suas estratégias narrativas.



## REFERÊNCIAS

- ALLCOTT, H., GENTZKOW, M., YU C. Trends in the Diffusion of Misinformation on Social Media. **Research & Politics**. 2019. v. 6, n. 2.
- BRANCO, Sérgio. Fake news e os caminhos para fora da bolha. **Interesse Nacional**, São Paulo, ano 10, n.38, p. 51-61, ago/out. 2017.
- CARVALHO, Ana; RABINOVICH, Elaine; SAMPAIO, Sonia. Vínculos e redes sociais em contextos familiares e institucionais: uma reflexão conceitual. **Psicologia Em Estudo**, v. 11, n. 3, p. 589-598, set./dez, 2006.
- CHAPARRO, Manuel C. Jornalismo na fonte. In: DINES, Alberto; MAURIN, Mauro (Org.). **Jornalismo brasileiro: No caminho das transformações**. Brasília, Banco do Brasil; 1996, p. 132-154
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.
- DUNKER, Christian I. L. Prefácio à edição brasileira. In: ŽIŽEK, S. **Pandemia: COVID-19 e a reinvenção do Comunismo**. São Paulo: Boitempo Editorial; 2020.
- FAUSTO NETO, Antônio. “**Temos que nos equipar com uma outra bagagem retórica, teórica, metodológica, epistemológica para darmos conta das discursividades, hoje**”. Entrevistadora: Eloisa Joseane da Cunha Klein. *Re-Unir*. v. 7, n. 1, p. 216-226, set. 2020.
- FAUSTO NETO, Antônio. **Fragmentos de uma analítica da mediatização**. Matrizes. vol. 1, n. 2, p. 89-105, abr. 2008.
- FIOCRUZ. Estudo identifica principais fake news relacionadas à COVID-19. **Fiocruz**. 21/05/2020. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/noticia/estudo-identifica-principais-fake-news-relacionadas-covid-19>>. Acesso 20 nov. 2020.
- MAINGUENEAU Dominique. **Elementos de Linguística para o Texto Literário**. São Paulo: Martins Fontes; 1996.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 3. ed. Campinas: Pontes; Ed. da Unicamp, 1997.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Cortez; 2008a.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola; 2008b.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. São Paulo: Contexto; 2009.
- MUNGER, Kevin, et al. **The Effect of Clickbait**. 2018. Disponível em: <<https://rubenson.org/wp-content/uploads/2018/09/munger-tpbw18.pdf>>. Acesso em 18 mai. 2020.
- NETO, Mercedes, et al. Fake news no cenário da pandemia de COVID-19. **Cogitare enfermagem**. 2020. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.5380/ce.v25i0.72627>>. Acesso em 18 mai. 2020.
- RECUERO, R.; GRUZD, A. **Cascatas de Fake news Políticas: um estudo de caso no Twitter**. *Galaxia* (São Paulo, online), ISSN 1982-2553, n. 41, p. 31-47, mai-ago, 2019.
- SCHMITZ, Aldo Antonio. **Classificação das fontes de notícias**. Florianópolis, SC: UFSC; 2011.



SMITH, Jeremy. **The Psychology Triggers Behind Clickbait Titles and Why We Click Them**. 2017. Disponível em: <<https://www.jeremysaid.com/blog/psychology-behind-clickbait-titles/>>. Acesso 30 maio de 2020.

TANDOC Jr, Edson. C., Zheng Wei LIM., Richard LING. **Defining “fake news”**. A typology of scholarly definitions. Digital Journalism. Londres, Reino Unido: Routledge, Taylor & Francis group, 2017. DOI: 10.1080/21670811.2017.1360143

VENNETI, Lasya, ALAM, Aniket. **Clickbaits**: Curious Hypertexts for news narratives in the digital medium. In: Proceedings of ACM Hypertext conference, Prague, Czech Republic, July 2017.

